

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 011

Data: 06.05.84

Pg.: \_\_\_\_\_

### Vocabulário ampliado leva novos valores aos índios

**MEMÉLIA MOREIRA**

Repórter da Sucursal de Brasília

Expressões como "enrolar", "enganar", "roubar", "ladrão", até há pouco tempo desconhecidas do reduzido vocabulário dos índios quando se comunicam em português, estão sendo agora usadas com frequência por quase todos os líderes, principalmente os mais jovens. Todas elas classificam sempre diretores da Funai, autoridades do Ministério do Interior e os brancos de um modo geral. Os jovens líderes chegaram ao luxo de criar o neologismo "ensabonetar", sinônimo de "enrolar".

O aprendizado da língua portuguesa, a língua do invasor, está alterando as relações entre índios e sociedade nacional. Líderes como Megaron, Mairauê, Ianuculá, Aritana, Ararapan e outros, que durante 42 dias sustentaram uma resistência jamais vista na história recente da Funai, já não se deixam iludir pelas palavras.

Eles manejam com habilidade a língua portuguesa e a cada dia torna-se mais difícil dizer a um cacique que é mais importante receber 60 máquinas de costura, 80 cabeças de gado e algumas bicicletas ao invés de milhares de hectares de terra (como já aconteceu com os xavante). Eles aprenderam o idioma oficial e, como isso, os valores da nossa sociedade.

"Filho nosso aprendeu língua. Ninguém engana nós. Índio está cansado e tá na hora de branco parar de enrolar". A declaração foi feita pelo cacique Raoni, ao chegar no Ministério do Interior na última quinta-feira, quando assinou o tratado de paz com o ministro do Interior. Nesse rápido discurso, de frases curtas, Raoni resumiu uma nova realidade que ainda não foi percebida pela Funai, pouco sensível às transformações ocorridas nas sociedades indígenas.

#### Irritação

A insensibilidade da Funai em não perceber mudanças é uma das principais razões para o conflito do Xingu ter se estendido durante tanto tempo. Nos 42 dias de conflito, o ex-presidente do órgão tutor, Otávio Ferreira Lima, no lugar de refletir sobre o problema e a firmeza dos líderes em manter a resistência, teve apenas duas preocupações: provar sua autoridade, não cedendo e procurar quem teria insuflado a ação dos índios, acusando o diretor do Parque Indígena do Xingu, Cláudio Romero.

Manter a autoridade é compreensível para os índios, mas procurar o insuflador causou profunda irritação entre os novos líderes. Megaron perdeu a paciência quando soube que a Funai acusava Romero de induzi-los à resistência.

"Será que presidente não sabe que a gente pensa? Será que ele não sabe defender sua casa? Nós sabemos defender nossa casa, nossa terra", desabafou Megaron, um dia depois dos txucarramãe aprisionarem três funcionários da Funai, transformando-os em reféns.

Mas poucos entenderam essa reação de Megaron. Na Idade Média, um documento papal reconheceu a "alma" dos silvícolas e agora, final do século 20, quando as pesquisas científicas já esquadriharam todo o corpo humano, as autoridades se recusam a reconhecer a capacidade intelectual dos índios. Não acreditam que, sozinhos, eles são capazes de raciocinar e tomar consciência da necessidade de se defenderem.

Em nenhum momento durante esta última crise enfrentada pela Funai, os dirigentes do órgão tentaram descobrir se o "insuflador" não poderia ser Megaron, Mairauê, Bedjai, Aruiavi, Miravê. Para as autoridades, o insuflador teria de ser, necessariamente, um branco. Foi uma reação típica de quem acredita que a inteligência é privilégio de determinadas raças.

Como não entendeu que não há "incentivador" a Funai não percebeu ainda que os tempos mudaram. As estradas, que tantas desgraças levaram aos povos indígenas, facilitaram também o acesso dessas tribos ao mundo dos brancos. Ensinar-lhes palavras novas, novos valores. E Aritana, que sempre foi considerado o "modelo do índio", porque bem comportado, traduziu essa mudança em poucas palavras. Diante dos reféns ele disse: "Não adianta Funai pensar que vai nos dar dinheiro, panelas, máquinas. A gente quer é terra para filho crescer, não ficar apertado em chiqueiro".

Naquele momento Aritana mostrou que há uma nova realidade: acabou-se o tempo do "espelhinho" para os índios. Eles aprenderam os mecanismos da nossa civilização e obrigaram, fato inédito, um ministro de Estado a assinar um documento, um acordo, se comprometendo — a moda dos brancos, com papel passado — a respeitar as terras conquistadas pelos índios.